

1. INTRODUÇÃO

O avanço do crescimento da população idosa, tanto nacionalmente, quanto internacionalmente, torna os estudos sobre o envelhecimento altamente relevantes. No Brasil, em menos de cinquenta anos, aumentou em 600% o número de idosos, passando de 3 milhões em 1960 para 17 milhões em 2006 (VERAS, 2007).

Veras (2009), enfatiza que projeções conservadoras indicam que o Brasil será o sexto país no mundo em números de idosos, no ano de 2020, atingindo mais de 30 milhões de pessoas.

Com o aumento da idade as chances dos indivíduos apresentarem problemas de saúde também aumentam. Esses problemas podem ser de ordem psiquiátrica ou neurológica, destacando déficits cognitivos e transtornos de humor (PAPALIA & OLDS, 2000).

Entre as diferentes condições de saúde que podem afetar o idoso destaca-se a depressão, devido a sua alta incidência e ao seu impacto negativo na qualidade de vida e no desempenho cognitivo (PLATI et al., 2006).

A depressão em idosos é um transtorno heterogêneo, recorrente e de múltipla etiologia que abrange sintomas psicológicos, comportamentais e físicos. Dependendo da época de início dos sintomas pode ser subdividida em: depressão de início precoce e depressão de início tardio (CANINEU, 2007; MARINHO, LAKS, ENGELHARDT, 2005; JURUENA et al., 2003).

A depressão acarreta limitações nas atividades do cotidiano, comprometendo, muitas vezes, o bem estar do idoso. Logo, está freqüentemente associada à incapacidade funcional e à saúde física (JURUENA et al., 2003).

Os quadros depressivos em idosos têm características peculiares. Há um predomínio de sintomas como diminuição do sono, perda do prazer nas atividades habituais e perda de energia devido à diminuição da resposta emocional, também chamada de erosão afetiva. Portanto, esse diagnóstico entre idosos torna-se mais complexo (GAZALLE, HALLEAL e LIMA, 2004).

Segundo Tier, Lunardi e Santos (2008), a depressão é um dos transtornos mais freqüente entre idosos, considerado doença mental, não só pela freqüência, mas também pelas implicações que causam no organismo. É uma doença que afeta o convívio social, podendo impossibilitar uma rotina de vida satisfatória.

A prevalência de depressão em idosos com mais de 60 anos está entre 1% e 10% e varia segundo a população estudada e os critérios diagnósticos utilizados (MARINHO, LAKS, ENGELHARDT, 2005). A ocorrência de depressão é maior entre idosos hospitalizados e institucionalizados atingindo 22% destes (FRANK & RODRIGUES, 2006).

O objetivo desse estudo de revisão bibliográfica é analisar a prevalência de depressão em idosos, inseridos em diferentes contextos no Brasil.

2. METODOLOGIA

A pesquisa de revisão de literatura foi realizada por meio de busca eletrônica de artigos indexados nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS) e SCIELO, a partir de buscas na Bireme, utilizando as seguintes palavras chaves: prevalência, depressão e idosos.

Os artigos foram selecionados após uma leitura prévia dos resumos disponibilizados nas buscas, seguindo os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados no idioma português e artigos publicados nos últimos dez anos. Foram excluídos os estudos de revisão bibliográfica.

Para dar seguimento a esta pesquisa foram selecionados dez artigos, de 36 dispostos na busca eletrônica, considerando os de maior relevância com o tema escolhido. Estes foram lidos na íntegra e analisados. Para melhor compreensão e organização da informação disponibilizada pelos artigos foi elaborada uma tabela estruturada, descrevendo as seguintes informações de cada estudo: autores e títulos, objetivo do estudo, amostra, local do estudo, instrumento de avaliação, variáveis analisadas e resultados.

3. RESULTADOS

Autores e Título	Objetivo do Estudo	Amostra	Local do Estudo	Instrumento de Avaliação	Variáveis analisadas	Resultado
<p>Estudo comparativo sobre a prevalência de sintomas depressivos em idosos hospitalizados, institucionalizados e residentes na comunidade. PORCU, M. et al. (2002)</p>	<p>Investigar características quantitativas e qualitativas de sintomas depressivos em diferentes populações de idosos.</p>	<p>30 idosos hospitalizados, sendo 14 mulheres e 16 homens; 30 em instituições asilares, sendo 15 mulheres e 15 homens; e 30 idosos da comunidade, 20 mulheres e 10 homens. Total de 90 idosos, de 60 anos ou mais, de ambos os sexos.</p>	<p>Asilo São Vicente de Paula, instituição filantrópica. Hospital Santa Casa de Misericórdia, ala São Roque. Vila Esperança, bairro de classe média- baixa. Todos os locais são no município de Maringá, estado do Paraná.</p>	<p>Escala de Hamilton, versão adaptada de Blacker.</p>	<p>Idade, sexo e estado civil.</p>	<p>Foram obtidos altos índices entre os idosos hospitalizados (56,67%) e institucionalizados (60%), sendo que estes apresentaram índices maiores em relação aos idosos residentes no domicílio (23,34%). Em relação à prevalência de sintomas depressivos de acordo com o sexo dos entrevistados, foi constatado que as mulheres apresentam uma maior prevalência de sintomas depressivos muito graves. Em relação aos homens hospitalizados apresentam mais tensão (75%) que as mulheres (25%). As mulheres hospitalizadas foram as únicas a apresentar sintomas de ansiedade somática grave (53,3%) e a dificuldade em comer (46,7%). Nos asilos 33,3% dos entrevistados apresentaram algum gesto, ideação ou tentativa de suicídio. As variáveis idades e estado civil não se mostraram importantes na prevalência de sintomas depressivos.</p>
<p>Análise da sintomatologia depressiva nos moradores do Abrigo Cristo Redentor através da aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG). SIQUEIRA, G.R.D. et al. (2009)</p>	<p>Determinar a prevalência de depressão em idosos que residem no Abrigo Cristo Redentor.</p>	<p>55 pessoas, todos com mais de 60 anos de idade, sendo 31 homens e 24 mulheres.</p>	<p>A pesquisa foi realizada no Abrigo Cristo Redentor, no município de Jaboatão dos Guararapés, em Pernambuco.</p>	<p>Escala de Depressão Geriátrica de Yesavage (GDS-30).</p>	<p>Sexo</p>	<p>Dos 55 idosos entrevistados, 28 apresentam depressão (51%), sendo a prevalência maior entre os homens (64,3%). As mulheres apresentam uma média de internamento maior que os homens (11 e 5 anos), tendo maior longevidade (média de 79 anos, contra 74 anos dos homens).</p>

Autores e Título	Objetivo do Estudo	Amostra	Local do Estudo	Instrumento de Avaliação	Variáveis analisadas	Resultado
Prevalência de sintomas depressivos em idosos institucionalizados na cidade do Salvador. SANTANA. A.D. J & FILHO. J.C.B. (2007)	Estimar a prevalência de sintomas depressivos em idosos institucionalizados e investigar os fatores socioeconômicos, demográficos e comportamentais associados à sintomatologia depressiva.	151 idosos, residentes em duas instituições. Divididos em dois grupos etários: de 60 a 80 anos "idosos jovens", e de 81 a 100 anos "idosos velhos"; e em grupos de escolaridade: de 0 a 4 anos de estudo, 5 a 9 anos e 10 anos ou mais.	Duas instituições asilares na cidade de Salvador (BA), sendo uma pública e outra filantrópica. A instituição A é pública e conta com 145 idosos, sendo 94 mulheres e 51 homens; a instituição B é filantrópica e conta com 110 idosos, sendo 97 mulheres e 13 homens.	Questionário semi-estruturado, elaborado pelos autores; Mini-Exame do Estado Mental (MEEM); Escala de Depressão Geriátrica (GDS-15) e os prontuários dos pacientes, disponibilizados pela instituição.	Idade, sexo, estado civil, cor/raça, religião e prática religiosa, grau de escolaridade, renda mensal, hábitos de fumar e uso de antidepressivos.	A prevalência de depressão é maior em idosos mais velhos (29,4%) e entre as mulheres (24,7%) e viúvos (29,7%). Também foi constatada maior prevalência de depressão nos idosos de cor branca (27,5%) e de menor escolaridade (44,7%). Em relação aos fatores socioeconômicos e comportamentais, verifica-se maior depressão entre católicos praticantes (cerca de 22,5%), com renda mensal acima de três salários (33,3%). Por fim, a depressão atinge mais os idosos que não possuem ocupação (26,3%), que não fumam (22,2%) e que fazem uso de antidepressivo (33,3%). Deve-se considerar que os percentuais não apresentam significância estatística.
Depressão em idosos em um lar protegido ao longo de três anos. MUNK. M & LAKS. J. (2005)	Avaliar a prevalência de depressão em três anos consecutivos, na população de idosos residentes em um lar protegido no Rio de Janeiro.	101 idosos residentes em uma casa gerontológica.	A pesquisa foi realizada na Casa Gerontológica da Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes (CGABEG), Rio de Janeiro-RJ.	Escala de Depressão Geriátrica de Yesavage (GDS-15).	Idade e Sexo	A média de idade foi de 83 anos, e 79,2% dos residentes eram do sexo feminino. Foi constatado ao longo de três anos que 3,9% dos idosos jovens apresentam sintomas depressivos graves. Já entre os idosos de 85 anos ou mais, apresentaram esses sintomas 2,9%.

Autores e Título	Objetivo do Estudo	Amostra	Local do Estudo	Instrumento de Avaliação	Variáveis analisadas	Resultado
Prevalência de depressão em idosos institucionalizados no município de Mossoró/RN segundo escala de depressão geriátrica (Yesavage). CHELONI. C.F.P. et al. (2003)	Avaliar a prevalência de depressão em idosos institucionalizados no município de Mossoró/RN.	45 idosos institucionalizados, sendo 22 homens (49%) e 23 mulheres (51%), acamados ou não, todos acima de 60 anos. Foram excluídos 11 idosos por se encontrarem com patologias que iriam interferir no estudo.	Instituição Amantino Câmara (abrigo de idosos), Mossoró, Rio Grande do Norte.	Escala de Depressão Geriátrica (GDS 30).	Idade (entre 60 e 75 anos e acima de 75 anos), sexo.	A prevalência de depressão nos idosos estudados foi de 51%. Em relação à faixa etária variou de 60 a 75 anos. Os idosos acima de 75 anos apresentaram uma prevalência de 53,5%, havendo nesse grupo uma maior prevalência em mulheres 73,5%, contra 26,5% dos homens.
Prevalência de depressão em idosos que freqüentam centros de convivência. OLIVEIRA. D.A.A.P; GOMES.L; OLIVEIRA.R.F. (2006)	Determinar a prevalência de depressão em idosos que freqüentam centros de convivência.	106 mulheres e 12 homens, todos com idade igual ou superior a 60 anos.	Foram selecionados 5 Centros de Convivência de Taguatinga, cidade satélite de Brasília, Distrito Federal.	Escala de depressão Geriátrica de Yesavage (GDS-15).	Idade (intervalos etários de cinco anos a partir dos 60) e sexo	Houve predominância do sexo feminino, correspondendo a 90% da amostra. A maior parte dos idosos era da faixa etária de 60 a 64 anos. 31% (n=36) dos idosos apresentaram depressão. Destes, 26% tinham depressão leve ou moderada e 4 % depressão grave. Pela análise de variância verificou-se que não houve diferença significativa quanto a presença de depressão entre as faixas etárias.
Uso da Escala de Depressão Geriátrica de Yasavage para avaliar a prevalência de depressão em idosos hospitalizados. FERRARI. J.F & DALACORTE. R. R. (2007)	Avaliar a prevalência de depressão em idosos internados em um hospital terciário. Além disso, buscou-se relacionar os escores obtidos com as pontuações das avaliações cognitivas e funcional.	50 pessoas acima de 60 anos, sendo que 16 eram homens e 34 mulheres.	Hospital São Lucas da PUCRS, nos oito leitos disponíveis pelo Sistema Único de Saúde no Serviço de Geriatria.	Escala de Depressão Geriátrica (GDS-15), Mini Exame do Estado Mental (MMSE) e Escala de Katz.	Funcionalidade (AVD) e cognição.	Quando questionados, 19 indivíduos (38%) se referiram à tristeza. Pela Escala de Katz, 39 (78%) apresentavam as atividades da vida diária (AVDs) plenas. A escala GDS15 revelou a presença de depressão em 23 indivíduos (46%). Comparando-se as médias dos escores MMSE, GDS15 e Escala de Katz, observou-se que a média do escore de MMSE foi maior nos pacientes em AVDs plenas. Avaliando-se a correlação entre MMSE e o escore da GDS, constatou-se que quanto maior o valor do MMSE, menor tende a ser o escore GDS.

Autores e Título	Objetivo do Estudo	Amostra	Local do Estudo	Instrumento de Avaliação	Variáveis analisadas	Resultado
Prevalência de depressão em idosas participantes da Universidade para Terceira Idade. IRIGARAY.T.Q & SCHNEIDER.R.H. (2007)	Investigar a intensidade e a prevalência de sintomatologia depressiva em idosas participantes da Universidade para Terceira Idade (UNITI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Verificar também se o tempo de participação na UNITI ajuda na melhora do humor e nas características das participantes antes e após ingressarem na UNITI.	103 mulheres idosas na faixa etária 60 e 86 anos.	Universidade para Terceira Idade (UNITI).	Escala de depressão Geriátrica (GDS-15) e ficha de dados sociodemográficos.	Idade, sexo, estado civil, escolaridade, renda, situação de moradia, ano de aposentadoria, ocupação, ano de ingresso na UNITI.	Referente às características sócio-demográficas, prevaleceram no estudo viúvas (44,7%), escolaridade de ensino superior (40,8%), renda de 6 a 10 salários mínimos (38,8%), morando com a família (52,4%), aposentadas (78,3%), saudáveis (81,6%), utilizam medicação (89,3%), realizam atividades físicas (74,8%) e participam da UNITI a mais de 1 ano (84,4%). Ausência de depressão (80,6%), depressão leve e moderada (19,4%), depressão grave (0%). 67% dos participantes informaram que a UNITI ajudou muito na melhora do humor; 17,1% informaram que após ingressarem na UNITI não se sentem mais solitárias.

Autores e Título	Objetivo do Estudo	Amostra	Local do Estudo	Instrumento de Avaliação	Variáveis analisadas	Resultado
Estados Depressivos entre idosos na comunidade-Jandaia do Sul, Paraná, Brasil. NARDI. E.D.F.R & ANDRADE. O.G.D. (2005)	Descrever a ocorrência de estados depressivos entre idosos da área de atuação de uma equipe do Programa Saúde da Família do Município de Jandaia do Sul, no Paraná.	59 indivíduos, com idade igual ou superior a 60 anos. 37 mulheres (62,7%) e 22 homens (37,3%)	Foram selecionados 4 Programas Saúde da Família localizados na zona urbana. Os dados foram coletados durante visitas domiciliares.	Escala de depressão Geriátrica (GDS-15), e um questionário composto com informações pessoais dos participantes.	Idade, sexo, escolaridade, estado civil, ocupação, renda, habitação e lazer.	Na amostra estudada 71% dos idosos não apresentaram depressão e 29% apresentaram depressão moderada. 37 mulheres (62,7%), sendo que 13 apresentam depressão moderada (35,1%) e 22 homens (37,3%), sendo que 18 não apresentam nenhum grau de depressão (81,8%) e 4 apresentam depressão moderada (18,2%). Observou-se que a faixa etária de 70 a 74 anos apresentou maior ocorrência de estados depressivos. Apresentaram depressão moderada, 100% dos desempregados, 50% dos indivíduos com nenhum grau de escolaridade, 55,6% dos viúvos, 50% dos separados, 40% dos amasiados, 10,3% dos casados. Vale ressaltar que a depressão moderada prevaleceu em idosos que convivem com outras pessoas sem laço consanguíneos ou conjugais (100%), sem companheiro e com familiares (53,3%), que vivem sozinhos (53,3%). Identificou-se que a ocorrência de depressão é maior em idosos que não praticam atividades de lazer (54,85%) e que possuem renda familiar menor que um salário mínimo (100%).

Autores e Título	Objetivo do Estudo	Amostra	Local do Estudo	Instrumento de Avaliação	Variáveis analisadas	Resultado
<p>Depressão e envelhecimento: estudo nos participantes do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade. LEITE. V.M.M. et al. (2006)</p>	<p>Identificar a presença de depressão em idosos que frequentam o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Federal de Pernambuco, considerando variáveis demográficas e socioeconômicas.</p>	<p>358 idosos sendo 312 mulheres e 46 homens, todos acima de 60 anos.</p>	<p>Programa UnATI/ UFPE procedentes de vários bairros de Recife e Região Metropolitana de Pernambuco.</p>	<p>Instrumento multidimensional "Brasil Old Age Schedule" (BOAS).</p>	<p>Idade, sexo, estado conjugal, escolaridade e situação econômica atual.</p>	<p>No presente estudo constatou-se que 86 idosos (24,02%) apresentaram diagnóstico de depressão. Desses 86 idosos, 65 (75,58%) encontram-se no grupo de depressão menor e 21 (24,42%) compõem o grupo de depressão maior. Houve maior proporção de deprimidos na faixa etária de 70-79 anos, no sexo feminino e entre separados, mas não foi estatisticamente significativa. Apenas a variável escolaridade foi estatisticamente significativa.</p>

4. DISCUSSÃO

Os artigos abordam a prevalência de depressão em idosos brasileiros que vivem em três contextos distintos: em instituições de longa permanência para idosos (PORCU et al., 2002; SIQUEIRA et al., 2009; SANTANA & FILHO, 2007; MUNK & LAKS, 2005; CHELONI et al., 2003), em hospitais (PORCU et al., 2002; FERRARI & DALACORTE, 2007) e na comunidade (PORCU et al., 2002; NARDI & ANDRADE, 2005; LEITE et al., 2006; IRIGARAY & SCHNEIDER, 2007; OLIVEIRA, GOMES, OLIVEIRA, 2006). Cabe ressaltar que o estudo realizado por PORCU et al. (2002), abrange os três grupos.

Dos cinco artigos que incluíram idosos em instituições de longa permanência observou-se um predomínio de mulheres na amostra de três estudos (CHELONI et al., 2003; MUNK & LAKS, 2005; SANTANA & FILHO, 2007). No estudo de Siqueira et al. (2009), constatou-se um predomínio de homens e no estudo de Porcu et al. (2002), o número de homens e mulheres foi igual.

No Brasil há um predomínio do sexo feminino na população idosa, em 2000, dos 14 milhões de idosos, 55% eram mulheres (CAMARANO, 2006). Ainda segundo essa autora, quanto “mais velho” for o grupo de idosos estudado maior será a proporção de mulheres. O percentual de idosos institucionalizados varia de 5 a 8% em outros países, com predominância feminina e idades mais avançadas, porém no Brasil não há um levantamento similar disponível (BORN, 2007). Entretanto, os estudos analisados apontam para a prevalência de idosos do sexo feminino e de idades mais avançadas residentes nas instituições de longa permanência.

Em relação aos instrumentos utilizados para avaliar a depressão nas instituições, Porcu et al. (2002) elegeram a Escala de Hamilton - versão adaptada de Blacker -, enquanto os outros quatro estudos optaram pela Escala de Depressão Geriátrica. Destaca-se que Santana e Filho (2007), utilizaram também um questionário semi-estruturado.

A Escala de Depressão Geriátrica é o instrumento mais utilizado para avaliar os sintomas depressivos em idosos, sendo a única desenvolvida, especificamente, para essa faixa etária (FRANK & RODRIGUES, 2006). A Escala de Hamilton e a Escala de Depressão Geriátrica são indicadas na literatura para avaliar a sintomatologia da depressão. Suas aplicações contribuem para a investigação

diagnóstica, todavia não devem se constituir no único método para diagnosticar esta condição.

Os estudos de Porcu et al. (2002) e Siqueira et al. (2009), analisaram a prevalência do diagnóstico de depressão dentro das instituições de longa permanência sendo encontrados altos índices de desta condição, a saber, 60% e 51%, respectivamente. Estes estudos não corroboram com os resultados encontrados por Carvalho e Fernandes (2002), que mostraram uma variação de 7% a 50 % na prevalência de depressão em idosos institucionalizados. Essa variação nos dados pode ser atribuída às diferentes metodologias utilizadas nos estudos, o que reflete a carência de pesquisas epidemiológicas na área de gerontologia no Brasil.

Em três estudos constatou-se uma prevalência de depressão em relação ao sexo feminino (PORCU et al.,2002; SANTANA & FILHO 2007; CHELONI et al., 2003), e a pesquisa realizada por Siqueira et al. (2009), indicou uma prevalência maior de depressão em homens. A literatura corrobora com os primeiros estudos, constatando que a prevalência de depressão é maior nas mulheres, podendo alcançar 20% (CANINEU, 2007; FRANK & RODRIGUES, 2006). De acordo com estes autores, fatores como maior possibilidade de queixa dos sintomas e liberdade para o choro, alta exposição aos efeitos hormonais e ao stress e tendência a uma maior procura por serviços de saúde podem explicar a diferença na prevalência da depressão entre os gêneros.

Cabe ressaltar que os autores Santana e Filho (2007), Munk e Laks (2005) e Cheloni et al. (2003), analisaram a prevalência de depressão em relação a faixa etária dos idosos. Enquanto Munk e Laks (2005) apontaram uma maior prevalência de depressivos no grupo de “idosos jovens”, Cheloni et al. (2003) e Santana e Filho (2007), destacaram essa prevalência no grupo de “idosos mais idosos”. Porém, esses estudos apresentaram uma variação na constituição da divisão da faixa etária relativa aos grupos de “Idosos jovens” e “idosos mais idosos”. O agrupamento “Idosos jovens” para Santana e Filho (2007), incluiu a faixa de 60 a 80 anos, para Munk e Laks (2005), de 60 a 84 anos e para Cheloni et al. (2003), de 60 a 74 anos. Ressalta-se que essa variação de até 10 anos no intervalo dificulta a comparação dos resultados.

Cabe agora analisar os artigos que incluíram idosos hospitalizados. No estudo de Ferrari e Dalacorte (2007), observou-se um predomínio do sexo feminino. Já no

estudo realizado por Porcu et al. (2002), a maioria dos idosos hospitalizados eram homens. Ambos os estudos foram realizados na região sul do país, Rio Grande do Sul e Paraná, respectivamente. São necessários novos estudos em outras regiões do país para que se possa aferir sobre a distribuição de gênero em idosos hospitalizados com diagnóstico de depressão.

Em relação aos instrumentos utilizados para avaliar a depressão nesse contexto, foram os mesmos citados anteriormente: Escala de Depressão Geriátrica (15 itens) e Escala de Hamilton.

Destaca-se a alta prevalência de depressão entre os idosos hospitalizados, 56,67% no estudo de Porcu et al. (2002) e 46% no estudo de Ferrari e Dalacorte (2007). Estas autoras enfatizaram que as altas taxas podem ser decorrentes da amostra, que foi constituída por idosos doentes e internados, o que os tornariam mais suscetíveis aos sintomas depressivos. Marinho, Laks e Engelhardt (2005), também enfatizam a maior ocorrência de síndromes depressivas em indivíduos com outras doenças clínicas. Segundo Frank e Rodrigues (2006) esta é uma situação preocupante, já que os sintomas da depressão são normalmente atribuídos aos outros comprometimentos clínicos, o que dificulta a adequada abordagem terapêutica.

No estudo de Porcu et al. (2002), concluiu-se que os homens hospitalizados apresentaram mais tensão do que as mulheres, porém as mulheres apresentaram ansiedade somática grave e dificuldade para alimentar. Segundo Frank & Rodrigues (2006), as mulheres apresentam mais sintomas depressivos devido, dentre outros fatores, à maior possibilidade de se queixar e à liberdade para chorar e aos fatores hormonais.

Com referência aos estudos relativos aos idosos que viviam na comunidade, a amostra foi constituída por indivíduos que frequentavam Centros de Convivência (OLIVEIRA, GOMES, OLIVEIRA, 2006), Universidades para Terceira Idade (IRIGARAY & SCHNEIDER, 2007; LEITE et al., 2006), Programa de Saúde da Família (NARDI & ANDRADE, 2005). Nestes estudos também foi notado o predomínio do sexo feminino.

Quanto aos instrumentos utilizados para avaliar a depressão nesses ambientes, foram mencionadas as escalas anteriores, Escala de Hamilton e a Escala de Depressão Geriátrica. Cabe destacar que dos três estudos que utilizaram essa escala, dois utilizaram a versão com quinze itens (IRIGARAY & SCHNEIDER,

2007 e NARDI & ANDRADE, 2005) e um utilizou a versão completa com 30 itens (OLIVEIRA, GOMES, OLIVEIRA, 2006). Leite et al. (2006), utilizaram o Instrumento multidimensional "Brasil Old Age Schedule" (BOAS).

Em relação à prevalência de depressão, os índices foram menores se comparados aos outros dois contextos instituições de longa permanência e hospitais. Na comunidade, a prevalência variou de 23,34% (PORCU et al., 2002) a 31% (OLIVEIRA, GOMES, OLIVEIRA, 2006). Resultados estes que estão de acordo com Frank e Rodrigues (2006), que indicaram uma prevalência entre 6,4 e 59,3% de sintomas depressivos em indivíduos idosos da comunidade.

Quanto às variações desse diagnóstico, a depressão leve ou moderada nessa amostra variou de 19,4% (IRIGARAY & SCHNEIDER, 2007) a 29% (NARDI & ANDRADE, 2005). Já a depressão grave apareceu em 4% dos idosos no estudo de Oliveira, Gomes, Oliveira (2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico de depressão presente na população idosa apresentou variada e elevada prevalência nos três contextos estudados, o que reflete a importância desta condição de saúde para a Gerontologia.

Observou-se, a partir desta revisão de literatura, que os grupos mais susceptíveis à depressão são as mulheres de faixa etária mais elevada e internadas em hospitais e instituições de longa permanência. Entretanto, deve-se considerar a diversidade da população incluída nas amostras dos diferentes estudos.

Os instrumentos de avaliação mais utilizados para o auxílio diagnóstico da depressão apontados neste estudo e corroborados pela literatura da área consistem na Escala de Depressão Geriátrica e na Escala de Hamilton, cujos enfoques são a avaliação sintomatológica da condição. Dessa forma, é importante ressaltar que estes instrumentos devem servir como apoio diagnóstico, sendo a terapêutica focada nas limitações de funcionalidade destes indivíduos.

Este estudo permitiu a identificação da necessidade de novas pesquisas epidemiológicas sobre a prevalência da depressão em idosos no território brasileiro, considerando as variáveis sexo, faixa etária, gravidade dos sintomas e contextos de inserção desta população. É necessário, também, que se estabeleça uma linguagem comum entre os pesquisadores no que se refere à definição conceitual dos constructos abordados nos estudos no sentido de permitir a inferência dos dados epidemiológicos encontrados nos mesmos. Essas pesquisas são importantes na medida em que subsidiam o planejamento de ações voltadas para assistência ao idoso com depressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORN, T. Cuidado ao idoso em instituições. In: NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**. São Paulo : Editora Atheneu, 2007. p.743-757.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira : uma contribuição demográfica. In : FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2006. p. 88-105.

CANINEU, P. R. Depressão no Idoso. In: NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**. São Paulo : Editora Atheneu, 2007. p.293-300.

CARVALHO, V. D. F. C & FERNANDEZ. M. E. D. Depressão no Idoso. In : NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**. São Paulo : Editora Atheneu,2002. p.160- 173.

CHELONI, C. F. P. et al. Prevalência de depressão em idosos institucionalizados no município de Mossoró/ RN segundo escala de depressão geriátrica (Yasavage). **Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Expressão, Mossoró**, 34 (1-2), p. 61-73, jan/dez. 2003.

FERRARI. J. F & DALACORTE. R. R. Uso da Escala de Depressão Geriátrica de Yasavage para avaliar a prevalência de depressão em idosos hospitalizados. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v.17, n.1, p. 3-8, jan/mar. 2007.

FRANK, M. H.; RODRIGUES, N. L. Depressão, ansiedade, outros distúrbios afetivos e suicídio. In: FREITAS, E. V. et. al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2006. p.376-387.

GAZALLE. F. K; HALLAL. P.C; LIMA. M. S. Depressão na população idosa: os médicos estão investigando?. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 26(3), p. 145-149, 2004.

IRIGARAY. T. Q & SCHNEIDER. R. H. Prevalência de depressão em idosas participantes da Universidade para Terceira Idade. **Revista Brasileira de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 29 (1), p. 19-27, 2007.

JURUENA, M. F. et al. Diretrizes as Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão (versão integral). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 25 (2), p. 114-122, 2003.

LEITE. V. M. M. et al. Depressão e envelhecimento: estudo nos participantes do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade. **Revista Brasileira Materno Infantil**, Recife, 6 (1), p. 31-38, jan/ mar, 2006.

MARINHO, V. M.; LAKS, J.; ENGELHARDT, E. Depressão em idosos. In: TAVARES, A. **Compêndio de Neuropsiquiatria Geriátrica**. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2005. p.409- 420.

MUNK, M. & LAKS, J. Depressão em idosos em um lar protegido ao longo de três anos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 54 (2), p. 98-100, 2005.

NARDI, E. D. F. R & ANDRADE, O. G. D. Estados depressivos entre idosos na comunidade - Jandaia do Sul, Paraná, Brasil. **Arquivo de Ciência da Saúde da UNIPAR**, Umnarama, v.9, (2), mai/ago, 2005.

OLIVEIRA, D. A. A. P; GOMES, L; OLIVEIRA, R. F. Prevalência de depressão em idosos que freqüentam centros de convivência. **Revista de Saúde Pública**, 40 (4), p. 734-736, 2006.

PAPALIA, D. E & OLDS, S. W. Desenvolvimento humano. **Artes Médicas**, Editora Porto Alegre, p. 491-521, 2000.

PASCHOAL, S. M. P. et al. Epidemiologia do Envelhecimento. In: NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**. São Paulo, Editora Atheneu, 2007. p. 293-300.

PLATI, M. C. F. et al. Depressive symptoms and cognitive performance of the elderly: relations between institutionalization and activity programs. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 28(2), p. 118-121, 2006.

PORCU, M. et al . Estudo comparativo sobre a prevalência de sintomas depressivos em idosos hospitalizados, institucionalizados e residentes na comunidade. **Maringá**, v. 24, n.3, p. 713-717, 2002.

SANTANA, A. D. J. & FILHO, J. C. B. Prevalência de sintomas depressivos em idosos institucionalizados na cidade do (sic) Salvador. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 134-1146, jan/jun. 2007.

SIQUEIRA, G. R. et al . Análise da sintomatologia depressiva nos moradores do Abrigo Cristo Redentor através da aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG). **Ciência & Saúde Coletiva**, 14 (1), p. 253-259, 2009.

TIER . C. G; LUNARDI, V. L; SANTOS, S. S. C. Cuidado ao idoso deprimido e institucionalizado à luz da Complexidade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 10(2), p. 530-536, 2008.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista Saúde Pública**, 43(3), p. 548-54, 2009.

VERAS, R. Fórum Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Introdução. **Caderno Saúde Pública**, 23(10), p. 2463-2466, 2007.